

OS “ARMÁRIOS” E OS LUTOS DA COMUNIDADE LGBT+: RELATO DE EXPERIÊNCIAS.

Clara Sullyvan de Lellis e Silva

Graduanda do Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás - GO, clarasullyvan1@gmail.com;

Isabela Fleury de Souza

Graduanda do Curso Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás - GO, isabelaflourpsi@gmail.com;

Silvestre de Souza Coury Neto

Graduando do Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás - GO, silvestrescneto@gmail.com;

Vitor Hugo Santos Nunes

Graduando do Curso Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás - GO, vitornunespsi@gmail.com;

Edvaldo Junio Virote da Silva

Professor orientador: Psicólogo, professor voluntário do Programa em Nome da Vida (PNV), professor voluntário do Laboratório de Estudo, Pesquisa e Intervenção em Luto, Pontifícia Universidade Católica de Goiás – GO, edvaldojuniov@gmail.com.

Resumo

Este relato de experiência é resultado do processo de construção de sentido do grupo focal “(Re)viver”, que faz parte do grupo de pesquisa em luto LGBT+, do Laboratório de Estudo Pesquisa e Intervenção em Luto da PUC Goiás. No grupo focal foi abordado o processo de coming out, também conhecido como “sair do armário”, momento em que os indivíduos reconhecem e aceitam suas preferências sexuais e sua identidade homossexual, manifestando esta identidade tanto na vida pessoal, para si mesmo,

quanto na vida social, de forma pública. Como todo desenvolvimento da vida, no *coming out* são vivenciados diversos lutos reais e simbólicos, já que é um processo que apresenta, além de descobertas, perdas. Assim, este trabalho tem por objetivo mostrar os diferentes lutos vividos por essa comunidade nos processos de *coming out* no contexto familiar, através de quatro relatos de experiência. Foi possível perceber, por meio dos relatos, que a existência de cada indivíduo é extremamente singular, e que o processo de *coming out* é influenciado pelas relações que esses sujeitos estabelecem ao longo da vida, seja pelo contexto em que vive, pela cultura e religião, seja pela forma de ser-no-mundo desta pessoa. Por fim, esses relatos de experiência servirão de base para demonstrar as vivências que assolam a comunidade LGBT+.

Palavras-chave: coming out, armário, luto, lgbt, família.

Introdução

O luto é um fenômeno natural da vida, um processo constante quando se trata das variadas perdas que enfrentamos desde que nascemos. Há o luto real, quando perdemos fisicamente alguém querido que amamos, e há o luto simbólico, quando passamos por outras situações de perdas que não sejam físicas, como o fim de um relacionamento, o divórcio dos pais, a perda de um emprego, a saída de casa, as mudanças corporais.

Segundo Doka (1989, citado por FRANCO, 2015, p. 156), há algumas circunstâncias em que as pessoas “(...) experimentam a perda, mas não têm seus direitos, papel ou capacidade de pesar reconhecidos socialmente. Nesses casos, o luto não é reconhecido e a pessoa que sofre uma perda tem pouca ou nenhuma oportunidade de enlutar-se em público”. Infelizmente, o sofrimento vivenciado pela comunidade LGBTQ+, que ainda hoje é uma comunidade oprimida, excluída e marginalizada, não é uma dor que é ouvida ou validada por quem está fora desta comunidade (às vezes, nem por quem faz parte dela); não é abertamente reconhecida ou socialmente aceita. Por isso, os lutos dessa comunidade, sejam eles reais ou simbólicos, podem também ser chamados de lutos não-autorizados ou não-reconhecidos.

Dentre estes lutos simbólicos, há o processo de *coming out*, pelo qual todo indivíduo da comunidade LGBTQ+ já passou, está passando ou ainda irá passar, que é quando uma pessoa “sai do armário”, se reconhece e aceita sua identidade e preferências sexuais. É um “processo de modificações interpessoais complexo que dá origem a um conjunto de acontecimentos como o reconhecimento da orientação sexual de um sujeito” (CORREIA, 2012, p. 17, citando HANELEY-HACKENCRUK, 1989). No *coming out*, há um componente pessoal, mas também há componentes sociais e psicológicos. A pessoa que pensa em “sair do armário” e se “assumir” passa por diferentes dúvidas e angústias, considerando que vivemos em uma sociedade heteronormativa e religiosa em que as pessoas que possuem uma orientação sexual diferente da heterossexualidade passam por diversos sofrimentos, preconceitos e exclusões (SILVA; BARBOSA, 2016).

Além do processo complexo de *coming out*, essas pessoas, muitas vezes, também vivenciam um processo de repressão dentro da própria família, movimento chamado de homofobia intrafamiliar. Essa

punição acontece simplesmente por a pessoa ter uma sexualidade diferente da esperada pela família e aceita socialmente, ou seja, por essa pessoa não ser heterossexual. Assim, os membros familiares acabam inferiorizando a orientação sexual “diferente” com o discurso de que estão praticando violências porque a querem proteger das opressões e pressões que a sociedade irá impor a ela. Todo esse contexto punitivo tem ação direta nas experiências sociais e nas relações de maior confiança, como relações afetivo-sexuais, da pessoa que está sendo desrespeitada (SCHULMAN, 2009).

A homofobia intrafamiliar está ligada diretamente à exclusão, desde pequenos ataques até os mais brutais, sejam verbais, físicos ou psicológicos. Esses tipos de violências praticadas dentro da própria família se tornam um tabu por serem tão óbvias e negadas. Assim, pessoas homossexuais se vêem e se encontram sozinhas dentro desse grupo familiar que, teoricamente, deveria ter a função de acolher e amar, principalmente porque a maioria que vê a situação por fora não tem coragem de intervir, já que culturalmente há a ideia de que assuntos familiares são privados e intocáveis. Esse cenário faz com que quem está sendo violentado assuma um papel de bode expiatório, o que reforça ainda mais as crenças e ações homofóbicas dos demais por causa da evitação. A evitação é quando se exclui alguém de uma conversa, comunidade ou estrutura social, quando é retirada a voz da pessoa, a impedindo de falar ou retrucar por seus direitos. Dessa forma, há a instauração de uma crueldade mental, uma exclusão da vítima no ciclo familiar (SCHULMAN, 2009).

Essa exclusão dentro da própria casa e da própria família é um tipo de luto simbólico para as pessoas da comunidade LGBTQ+ que passam por isso. Perder o apoio de quem você ama, perder a confiança, o amor, e, muitas vezes, ser expulso de casa e perder até o espaço físico e seguro que tinha, são diversos lutos que se acumulam na vida destas pessoas.

O medo e a angústia em passar por estes momentos, muitas vezes, faz com que essas pessoas optem por continuar “dentro do armário”, aprisionando seus desejos e seu modo de ser para não serem julgadas. Assim, esse processo, que é tão complexo e singular, além da aceitação e da identificação, pode vir carregado de diferentes perdas e, conseqüentemente, de diferentes lutos. Infelizmente, uma parte significativa desta comunidade é expulsa de casa, do trabalho, ou tem vínculos rompidos após se assumirem. Todos estes momentos

são exemplos de perdas e de lutos simbólicos. O luto por tudo aquilo que se perdeu após a aceitação e a manifestação de sua identidade.

Considerando o que foi exposto, este trabalho tem o intuito de mostrar esses diferentes lutos experienciados por essa comunidade nos processos de *coming out*, através de quatro relatos de experiências do Grupo Focal “(Re)viver”, que faz parte do grupo de pesquisa em luto LGBTQ+, do Laboratório de Estudo Pesquisa e Intervenção em Luto da PUC Goiás.

O Grupo Focal (GF), segundo Margon (1997) e Kitzinger (2000) (citado por TRAD, 2009, p. 780) é uma técnica de pesquisa qualitativa derivada de entrevistas em grupos, focando na comunicação e na interação dos participantes. O objetivo de um GF é incentivar a compreensão de percepções, crenças, temas, produtos ou serviços. Para sua atuação, há a escolha de temática que será estudada detalhadamente a partir de um grupo - neste caso, a temática do processo do *coming out* na comunidade LGBTQ+. O GF também pode ser descrito como “protótipo da entrevista semiestruturada” (FLICK, 2002, p. 128), sendo feito em reuniões na qual os integrantes debatem abertamente e de forma acessível um tema de interesse em comum (GASKELL, 2002).

O interesse pela construção do grupo de pesquisa, do grupo focal e dos relatos de experiências se deu por conta da falta de referências e trabalhos neste assunto. O luto, que já é um tema “tabu”, quando se junta ao tema da comunidade LGBTQ+, que também é um tema não tão falado, se torna duplamente um tabu, ficando evidente a necessidade de maior produção direcionada para esses temas. O objetivo é aumentar cada vez mais a pesquisa neste campo, dar cada vez mais voz e escuta à essa comunidade, falar cada vez mais sobre os processos de luto para que a sociedade como um todo aprenda a lidar melhor com eles, respeitando a singularidade de cada indivíduo enlutado.

Os resultados obtidos com as reuniões do GF, análises dos dados e com este relato de experiência deram uma visão ampla sobre o *coming out* para si mesmo, na família, na escola e na universidade. Foi possível afirmar os diversos processos de luto que todos os participantes passam dentro dessas três esferas no processo de “sair do armário” e o quanto isso os afeta socialmente, psicologicamente e individualmente. Além disso, um dos principais fatores obtidos com o estudo foi a percepção da individualidade que cada membro da comunidade LGBTQ+ tem e o quanto é importante cada um manter sua

trajetória e suas características individuais, assim como compartilhá-las com outras pessoas, para preservar a sua saúde mental.

Metodologia

O método utilizado para realizar o relato de experiência, que foi fundamentado na abordagem qualitativa, tem por base a observação realizada em um grupo focal, abordando as experiências do processo de *Coming Out* com pessoas pertencentes à comunidade LGBTQ+. Na abordagem qualitativa, os indivíduos são colocados como instrumento principal do processo de investigação, tendo o relato como fonte de coleta de dados com riqueza de elementos fundamentais para a discussão proposta. Segundo Alves (1991), a pesquisa qualitativa de cunho etnográfico pode ser dividida em três etapas importantes: o período exploratório, a investigação focalizada e a análise final; após esses três processos temos a elaboração do relatório. Discorreremos, a seguir, sobre como tais etapas se constituíram em nosso trabalho.

O período exploratório foi marcado pelo aspecto fundamental da investigação de escolha dos/as participantes adequados à pesquisa. Foi nesse período exploratório que entramos em contato direto com o público almejado para investigar e que, direcionado pelo objetivo da pesquisa, formulamos a escolha dos/as participantes. Essa escolha se deu com base em somente dois critérios: o participante compreender-se como membro da comunidade LGBTQ+ e a disponibilidade para participar do encontro do grupo focal. Dos possíveis participantes os quais entramos em contato, 4 (quatro) se dispuseram a participar do grupo focal, com os quais inicialmente fizemos o levantamento de dados etnológicos relevantes ao estudo, como gênero, idade, estado civil, cor/raça e grau de instrução e que, na fase focalizada, participaram do grupo focal.

Na fase focalizada, buscamos instrumentos que abranjam de forma sistemática os dados a serem coletados em relação ao objeto de estudo. O objetivo principal de um grupo focal é identificar e aprofundar diferentes ideias, sentimentos e concepções das pessoas sobre uma temática específica. Esquematizamos então o grupo focal para ser mediado por perguntas semi estruturadas abrangentes ao tema que instigariam os/as participantes a compartilharem e debaterem suas experiências de forma coletiva, através da plataforma online Microsoft Teams, expondo suas vivências, posicionamentos e justificativas.

Durante o grupo focal foi utilizado um roteiro de perguntas semi estruturadas, composto por sete perguntas, sendo elas: “Como foi o processo de *Coming Out* para vocês? Vocês tinham quantos anos?”; “Como vocês perceberam a relação do processo de *Coming Out* e a família de vocês?”; “Em relação a escola e o processo de *Coming Out*?”; “No processo do *Coming Out*, o que mais marcou cada um de vocês?”; “No ato do *Coming Out*, quais sensações e emoções vocês sentiram?”; “Se hoje vocês pudessem mandar um recado para vocês mesmo antes do processo do *Coming Out*, qual recado/mensagem seria?”; e “Se vocês pudessem definir o processo de *Coming Out* de cada um em uma palavra, qual seria?”.

Por fim, na fase de análise final e elaboração do relatório, houve a organização e compreensão dos dados etnológicos e relatos emergentes coletados no grupo focal, registrados durante todo o percurso do trabalho.

Resultados e discussão

Participaram do grupo focal e responderam às perguntas semi estruturadas participantes, sendo 2 do sexo feminino e 2 do sexo masculino. As duas do sexo feminino se identificaram como bissexuais, e os dois do sexo masculino como gays. Desses quatro participantes, 3 tem ensino superior incompleto e 1 tem ensino superior completo. O grupo focal contou com 2 mediadores. Além dos 2 mediadores, 3 pessoas também ajudaram na coleta de dados, análise das respostas e construção deste relato de experiência.

A partir das respostas para as sete perguntas feitas sobre o processo de *coming out*, e após análise destas respostas, os resultados foram divididos em três diferentes categorias: autopercepção sobre o processo de *coming out*; família e *coming out*; e ambiente escolar e universitário e o processo de *coming out*. A seguir, as três categorias serão analisadas a partir dos resultados e com base na literatura sobre a temática.

Tabela 1. Dados demográficos dos participantes

Participante	Gênero	Idade	Estado Civil	Cor/ Raça	Grau de instrução	Orientação Sexual
P1	Feminino	24	Solteiro(a)	Branca	Ens. Superior Inc.	Bissexual
P2	Feminino	22	Solteiro(a)	Branca	Ens. Superior Inc.	Bissexual
P3	Masculino	23	Solteiro(a)	Branca	Ens. Superior Inc.	Homossexual
P4	Masculino	24	Solteiro(a)	Preta	Ens. Superior Comp.	Homossexual

Autopercepção sobre o processo de *Coming Out*

É imprescindível que alguns fatores atravessem o Grupo Focal (GF), como a questão da moralidade, intrínseca na malha social. Essa moralidade, repleta de normas e regras, apontam conflitos entre “normal” e “não normal” para a comunidade LGBTQ+. Uma das integrantes do GF, ao falar da sua relação com sua mãe, chegou a mencionar que *“Acho que isso a mata aos poucos, lidar com essa dúvida. Contudo, ainda não criei coragem para enfrentar o quanto minha vida viraria de cabeça para baixo se ela descobrisse a verdade”*, ou seja, essa confusão acarretada desses comportamentos ditos “normais” é algo que permeia e engendra lutos simbólicos diariamente. Somado a isso, a dualidade entre o masculino e o feminino é algo que marcou uma quantidade significativa de falas no GF, visto que a performance exigida socialmente aos integrantes da comunidade LGBTQ+, sempre foi vista por um olhar míope e reducionista que não consegue enxergar a pluralidade e singularidade desta comunidade.

Concomitante a este recorte social, é possível perceber também a internalização dos discursos heteronormativos: *“Até então, me entendia como heterossexual”*, disse uma das participantes. Palavras como *“confusão”, “nojo”, “vergonha”* ou frases como *“...eu já sabia que aquilo era errado”* ou *“...pedia pra ela (mãe) tirar o capeta do meu corpo”* evidenciam, segundo Schulman (2010) o conceito de *“falsa acusação”*, onde a homossexualidade é vista como errada e/ou inferior a heterossexualidade. A internalização destas falas causam um sofrimento, que, transpassado por um contexto social onde a comunidade LGBTQ+ é oprimida, excluída e marginalizada, dificultando assim as vivências dos lutos simbólicos e não reconhecidos no processo de *Coming Out*.

Em alguns dos relatos, é notório esse tipo de visão - dentro e fora da comunidade -, como a fala de uma das participantes *“Me colocavam*

como hétero da rodinha, falavam que eu era 'bi de balada' e que estava só experimentando ter tesão com mulheres quando estava bêbada”, ou, até mesmo, essa fala de outro integrante “Eu me forçava a ser uma pessoa que eu não era” e, para finalizar, esse recorte que diz muito sobre todo o GF “...eu tive dificuldade em 'definir' a minha sexualidade”, que resume explicitamente essa dualidade vivida pelos participantes. Portanto, é inviável falar sobre autopercepção sem mencionar os aspectos psicossociais que atravessam toda a comunidade. (PERUCCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014).

Em virtude dos fatos mencionados acima podemos observar que, no processo de autopercepção sobre o *Coming Out*, fica evidente diversos armários que a comunidade LGBT+ às vezes necessita utilizar para se resguardar.

Família e *Coming Out*

Considerando as falas mencionadas durante a realização do Grupo Focal (GF), observamos que no processo de *Coming Out* em uma família que já havia um membro integrante da comunidade LGBT+, a revelação aos familiares tornou-se, na fala do participante, “tranquilo”. Em contraste a esta fala, dois participantes relataram a homofobia familiar em seu processo de *Coming Out*, vivenciando sofrimentos, preconceitos e exclusões pela experiência de “assumir-se”, onde os participantes, mediados por um processo de interrogação pessoal, se opuseram à expectativa social sobre sua sexualidade. Segundo Schulman (2010), estas falas evidenciam o conceito da autora de “bode expiatório ideal”, em que, nos contextos familiares nos quais membros LGBT+ estão sozinhas(os), acabam se tornando tela projetora de depósito das deficiências e ressentimentos dos familiares heterossexuais, cientes e resguardados da omissão social quanto possíveis intervenções nesse contexto intrafamiliar.

Assim, é visível que dentro desses contextos intrafamiliares diversos, os aspectos internos dos integrantes do GF foram alvo, em sua maioria, de lutos simbólicos e não-reconhecidos, que assolam a comunidade LGBT+, justamente porque a família é uma força motriz em não validar ou legitimar os relacionamentos que os indivíduos, pertencentes a essa parcela, vivem. Uma das integrantes, que se assumiu como bissexual e já teve relacionamentos com mulheres, mas hoje namora um homem, por exemplo, cita que “*Alguns ainda acham*

que foi apenas uma fase”, deixando claro que os familiares não legitimam essa

identidade sexual dela. Além disso, somado a essa não legitimidade, há a violência psicológica atrelada, visto que, em um dos recortes como “*o quanto eu acabaria com a vida dela se gostasse de alguém do mesmo sexo*”, fica claro a agressividade, intolerância e preconceito enraizados nas falas que a filha ouve da mãe e a faz ter essa percepção. Por fim, é crucial o papel da família nesse *Coming Out*, visto que para uma quantidade significativa do GF a família foi um fator de grande pesar e que acarretou em processos de enfrentamentos e sofrimento diversos.

Ambiente escolar e universitário e o processo de *coming out*

Embora os participantes tenham relatado experiências difíceis no meio intrafamiliar, no ambiente escolar e universitário observou-se que as experiências dos quatro participantes foram mais tranquilas. Todos relataram que não tiveram grandes problemas nestes contextos, nada que os afetasse diretamente. Dois dos participantes passaram pelo processo de *coming out* no ensino fundamental, e as outras duas apenas na universidade.

Estas duas participantes que passaram pelo processo de *coming out* apenas na faculdade relataram que, antes disso, nem imaginavam que não eram heterossexuais. “*Durante o meu período escolar eu não pensava que existia outra alternativa além de heterossexual para mim. (...) Quando entrei na faculdade de psicologia foi como se estivesse entrando em um mundo completamente diferente do que estava acostumada*”. Assim, podemos enxergar a universidade como um local que ajudou no processo de descoberta destas participantes.

Sabemos, no entanto, que estes quatro relatos não falam por toda a comunidade LGBT+, que essa não é a realidade de todos, e que, infelizmente, muitos integrantes desta comunidade têm experiências difíceis e traumatizantes no ambiente escolar. Em uma pesquisa realizada em 2015 pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais (ABGLT), 73% dos jovens que se identificam pertencentes à comunidade LGBT+ sofreram algum tipo de violência verbal dentro dos muros da escola por causa da sua orientação sexual.

Observando as respostas dos participantes e os resultados como um todo, é possível perceber que mesmo identificando sentimentos como medo, culpa e vergonha durante o processo de *Coming Out*, e mesmo tendo vivido situações de preconceito e exclusão pela família ou pela sociedade heteronormativa em que vivemos, os participantes do GF terminaram seus relatos com palavras e frases positivas. “Liberdade” e “Gratidão” foram duas das palavras que definiram os processos de *Coming Out*, segundo os próprios participantes.

Por fim, os participantes disseram frases que gostariam de falar para si mesmos antes de terem passado por esse processo. Através destas frases e das palavras ditas anteriormente, pudemos perceber que o sentimento de liberdade e de se sentir completo após se assumir sobressaem aos eventos traumáticos passados: “*Se afaste de todos que invalidam sua sexualidade, pare de se esconder por medo e vá viver a sua vida. A vida é sua, sempre será difícil, mas no final quem precisa viver é você. Ninguém a viverá no seu lugar*”.

Assim, em virtude dos fatos mencionados acima, podemos afirmar que o Grupo Focal (GF) oportunizou uma experiência única para a equipe de pesquisadores, uma vez que o GF valoriza a singularidade de cada participante, promovendo um espaço de trocas de experiências, troca de reflexões e de promoção de saúde.

Além disso, foi alcançado com êxito o objetivo da pesquisa. As trocas de experiência coletadas no GF permitiram uma ampla visão sobre o processo do *Coming Out*, tanto para si mesmo como nos contextos familiar e escolar. Foi possível perceber que, mesmo sendo um processo com tantas dores, perdas e lutos, os participantes enxergam um lado positivo em tudo isso: o descobrir-se e aceitar-se por inteiro.

Considerações finais

Os relatos coletados por meio do Grupo Focal reafirmam que o processo de *Coming Out* engloba vários processos de luto, sendo eles reais e predominantemente simbólicos. As facilidades e/ou as complicações para o autoconhecimento sobre a própria orientação sexual, interferem de forma significativa no processo de elaboração e ressignificação da não heteronormatividade (luto simbólico), ou seja, pertencente à comunidade LGBTQ+. Vale lembrar que a “condição” de ser LGBTQ+, reforça diversas barreiras que essa comunidade precisa enfrentar por ser diferente, como sentimentos de rejeição,

atos preconceituosos, violências. Aspectos relacionados a famílias e ambiente educacional podem também interferir de forma a favorecer o processo ou desfavorecer a auto aceitação dos membros pertencentes à esta comunidade.

Em virtude do que foi mencionado, o presente relato de experiência atingiu o objetivo proposto, levando em consideração que a experiência ecoou na equipe de pesquisadores também, no sentido de repensar sobre a influência da heteronormatividade em todas as esferas sociais. A presente pesquisa abre margem para a urgência em investigar, de forma mais detalhada, cada um dos aspectos relacionados ao processo de *Coming Out* e os processos de lutos que envolvem a necessidade quase constante em “voltar aos armários”, necessidade esta que a comunidade LGBT+ apresenta em diversas situações. Outro ponto essencial para futuras pesquisas é a necessidade de ouvir o outro lado da história, a família. Precisamos compreender e desmistificar o processo de homofobia intrafamiliar como um fenômeno histórico-cultural; se isso não for feito, o ciclo da violência nunca terminará, e a comunidade LGBT+ continuará sofrendo e adoecendo.

Referências

ALVES, A. J. **O planejamento de pesquisas qualitativas em educação.** São Paulo: Cadernos de Pesquisa, 1991, n. 77, p. 53-61.

CORREIA, J. M. **O Processo de Coming Out dos Jovens LGB: A Rede de Suporte e a sua influência nos Comportamentos de Risco e Qualidade de Vida.** Universidade da Beira Interior: Ciências Sociais e Humanas, 2012.

FLICK, U. Entrevista episódica. In: GASKEL, G.; BAUER, M. W. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2002. p. 114-136.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: GASKELL, G.; BAUER, M. W. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.

SCHULMAN, S. **Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento.** FERNANDES, F. B. M. (Trad.). Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, 2010, v.4, n. 05, p. 67-78.

SILVA, L. V.; BARBOSA, B. R. S. N. **Sobrevivência no armário: dores do silêncio LGBT em uma sociedade de religiosidade heteronormativa.** Estudos de Religião, 2016, v. 30, n. 3, p. 129-154.

TRAD, L. A. B. **Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde.** Physis, Rio de Janeiro , v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009 .

PERUCCHI, J.; BRANDAO, B. C.; VIEIRA, H. I. dos S. **Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays.** Estud. psicol. (Natal), Natal , v. 19, n. 1, p. 67-76, Mar. 2014 .